

Acesso à democracia

Inclusão social de deficientes tratada sem mistificação



Flávia Cintra, diretora do Departamento de Relações Institucionais do Instituto Paradigma

Fotos: Divulgação

Duas formas distintas de romper barreiras, pondo fim ao preconceito através de ações afirmativas de inclusão social. O trabalho realizado por duas entidades sem fins lucrativos tem ajudado a transformar o olhar da sociedade em relação às pessoas com deficiência. A Associação Vida, Sensibilidade e Arte e o Instituto Paradigma têm mostrado o quanto o limite aparente pode traduzir-se num imenso potencial artístico e profissional.

O Instituto Paradigma promove a inclusão social de pessoas com deficiência há cerca de 10 anos. A entidade desenvolve projetos corporativos voltados à inclusão e interação de pessoas com deficiência. O instituto faz um trabalho junto às empresas, preparando-as para receber o deficiente.

“As empresas nos procuram para cobrir a cota estabelecida em lei, que garante aos deficientes de 2% a 5% da mão-de-obra. A cota foi uma forma afirmativa de alertar a sociedade para o fato de que nove milhões de deficientes em condições de produzir estão afastados do mercado de trabalho”, disse a diretora do Departamento de Relações Institucionais do instituto, Flávia Cintra.

Empresas abrem espaço

Segundo Flávia, existe hoje um ambiente mais democrático e as próprias empresas, ao procurarem o instituto, demonstram entender que esta questão tem de ser tratada de forma natural.

“Primeiro, é preciso olhar o deficiente não como alguém especial ou empregá-lo como um favor à sociedade. É preciso observar o talento da pessoa, independente de tudo. O deficiente pode ser tão ou mais eficiente que uma pessoa normal ou não”, ressaltou.

A primeira etapa do trabalho realizado pelo instituto é junto ao departamento de recursos humanos (RHs) das empresas.

“Cuidamos da formação da equipe, do plano de carreira, da entrevista. Adaptamos nossa metodologia à cultura de cada empresa”, explica Flávia.

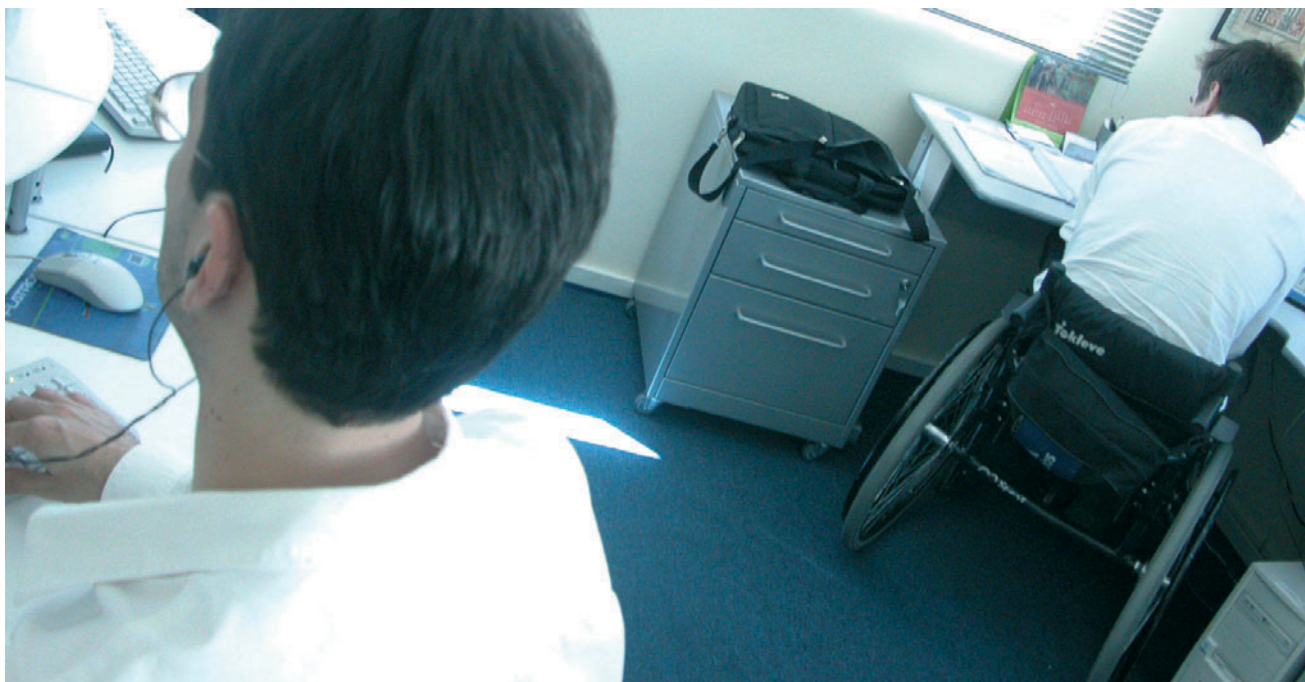
Depois, vem a parte de sensibilização dos parceiros da empresa, permitindo que haja um relacionamento natural dos demais trabalhadores com uma pessoa que é aparentemente diferente. O instituto envia à empresa uma equipe técnica para avaliar a acessibilidade dos espaços onde o deficiente circulará.

“Acessibilidade não é só colocar rampa e fazer adaptações no banheiro, mas colocar um piso podotátil para quem é cego, sinalização visual, material em braile, regulagem de mesas e cadeiras etc”, esclarece.

Flávia ressalta que uma das principais metas do instituto é romper a barreira do preconceito, que acaba gerando desinformação.

“A sociedade tende a sentir pena ou idolatrar o deficiente. Queremos mostrar que o deficiente é uma pessoa como outra qualquer e tem de ser olhado como igual”, disse.

Fotos: Divulgação



O Instituto Paradigma investe também na descoberta de novas tecnologias e padrões que permitam a acessibilidade, através do seu Laboratório de Ultrapassagem de Fronteiras.

“Isso significa criar novas possibilidades. Este exercício nos remete a novas formas de aprender, desenvolvendo potencialidades de diálogo e convívio”, comenta Flávia.

O Instituto trabalha o programa de inclusão econômica em empresas, como Laboratório Fleury, CPFL, Natura, Editora Abril, Grupo Orsa, Visanet, HP e Votorantim.

O Paradigma também assessorou a construção do Centro de Atenção ao Desenvolvimento Educacional de Santo André, em São Paulo, responsável pela inclusão dos cerca de 650 alunos com deficiências nas 63 escolas da rede municipal de ensino.

“A conquista de autonomia e da independência é o ponto de partida para a garantia da cidadania. Este processo está diretamente relacionado com a possibilidade de a pessoa com deficiência estar livre para interagir no meio em que vive”, acrescenta Flávia.

Arte sem fronteiras

A Associação Vida, Sensibilidade e Arte propôs um desafio inédito: entrelaçar a produção artística de pessoas com e sem deficiência. A ONG atua há 15 anos junto a pessoas com deficiência e organizou, entre 3 e 29 de maio, no Centro Cultural Banco do Brasil do Rio de Janeiro, a Mostra Arte, Diversidade e Inclusão Sociocultural, um panorama da produção estética das pessoas com deficiência.

Foram apresentadas exposições, espetáculos de dança, teatro e música, seminário e cursos de arte-educação, numa demonstração de como a arte pode agir e ampliar a participação da pessoa com deficiência na sociedade e como essas novas expressões podem dissolver barreiras estéticas e sociais.

“Já realizamos diversas mostras deste tipo, mas não de igual grandeza. O importante é que, em cada festival, incorporamos novos artistas”, disse Janine Fortes, representante da ONG.



Necessidades Especiais



Flávia Cintra, que faria uma palestra no evento e foi impedida por compromissos em São Paulo, disse que o trabalho realizado pela associação é diferenciado.

“Eles não tratam o deficiente como um ser especial. A avaliação é quanto à qualidade do trabalho artístico da pessoa. Não importa se quem fez é ou não deficiente, o importante é o trabalho”, afirma.

Janine destacou que um dos momentos mais importantes do evento foi a realização do fórum, entre os dias 10 e 27 de maio, que reuniu cerca de 40 entidades e atraiu 60 pessoas por módulo.

“Foi excelente. Conseguimos reunir tendências das mais variadas experiências e ter um resumo do que está acontecendo no Brasil nesta área”, avalia.

Janine ressaltou que para a realização da mostra foram realizadas adaptações no CCBB.

“Colocamos o centro cultural à disposição de todos, democratizando este espaço. Nosso evento é de inclusão e isso tem que ser traduzido na acessibilidade de todas as pessoas. Também treinamos as recepcionistas para melhor atenderem aos deficientes. Acrescentamos algo valioso ao CCBB e à vida comum dos visitantes”, conclui. ■